

# PROJECTO GRAVADO NO TEMPO — PORTUGAL — INVENTÁRIO TOTAL DA ARTE RUPESTRE 1991–1993

por

Mila Simões de Abreu e Ludwig Jaffe\*

**Resumo:** Gravado no Tempo é o nome dado ao Projecto criado em 1991 que tem como finalidade fazer o inventário total da Arte Rupestre Portuguesa. A primeira fase concretizou-se com a elaboração de uma Bibliografia da Arte Rupestre Portuguesa. Criou-se, a partir das informações recolhidas nos textos encontrados, uma ficha de inventário e iniciou-se a prospecção do território. Nos primeiros anos o Projecto, seguindo as pegadas de Francisco Manuel Alves, o abade de Baçal, concentrou os seus esforços no território do Parque Natural de Montesinho, no Distrito de Bragança. Foi possível, não só localizar diversas rochas com gravuras, como também identificar uma nova zona de arte rupestre — Castro Curisco.

**Palavras-chave:** Arqueologia Rupestre. Arte Rupestre. Inventário.

**Abstract:** Portugal's early art holds the honour of having observations and records made on it way before most other primordial depictions in Europe. Despite this notable fact, information about the country's early representations is far from complete and needs to be systematically reviewed. Furthermore, time is running out for gathering folklore associated with these vestiges; each passing year sees the loss of the only people able to recount and transmit their knowledge to us and future generations. It is increasingly urgent that we collect and register all aspects of this legacy—minutely traceable to a distant past that may ameliorate conceptions of present and future.

*Projecto Gravado no Tempo*, created in 1991, is a multi-disciplinary survey of Portugal's early rupestrian art, analogous representations and traditions, and related anecdotes. It is an inquiry with diverse facets reflecting an integrated approach—affirmed in its motto, "Man and Nature Together." During the first two years the project compiled a bibliography on Portuguese rock art and started work on a rock art database. Following indications published in 1934 by Francisco Manuel Alves, one of Portugal's most knowledgeable scholars, the investigation located and gathered further information on some of the known sites. The survey also discovered a completely new rock art zone in the *Parque Natural de Montesinho*, a nature reserve in north-east Portugal.

**Key-words:** Rupestrian Archaeology. Rock Art. Inventory.

---

\* IFRAO – International Federation of Rock Art Organizations.

## INTRODUÇÃO

Acreditamos que o ponto de partida para o estudo, a protecção, a conservação e a divulgação da arte rupestre em Portugal é a realização de um *Corpus*. Com tal ideia em mente, criamos em 1991, o Projecto Gravado no Tempo — Inventário Total da Arte Rupestre Portuguesa (ABREU, 1992). Sabemos *a priori* que se trata de um projecto muito ambicioso e tivemos, desde o início, consciência da dificuldade de tal tarefa.

Embora a Arqueologia Rupestre ou seja, o estudo das manifestações artísticas do homem pré-histórico do ponto de vista arqueológico, tenha tido fortes tradições no nosso país, ainda hoje desconhecemos o número preciso dos sítios de arte rupestre portugueses. Possuímos no entanto documentos e textos sobre localidades com pinturas e gravuras entre os mais antigos do mundo.

A realidade da arte rupestre portuguesa modificou-se muitos nos cinquenta anos que nos separam da publicação de *Arte Rupestre* — a lista das 109 localidades com pinturas e gravuras pré-históricas feita por J. R. Santos Jr. para o Congresso do Mundo Português em 1940 (SANTOS, 1942). Hoje, não só, não sabemos em que condições se encontram muitas dessas estações como desconhecemos em alguns casos, se ainda existem. Por outro lado, descobertas como as da *Gruta do Escoural* (SANTOS, 1964), do complexo do *Vale do Tejo* (SERRÃO et al., 1972), do *Santuário Exterior do Escoural* (GOMES et al. 1983), das pinturas *Abrigo Pinho Monteiro* (GOMES, 1985) e das gravuras Paleolíticas do *Mazouco* (JORGE et al. 1981) transformaram radicalmente o panorama do estudo das gravuras e pinturas rupestre portuguesas.

Actualmente possuímos apenas escarsas informações sobre a maioria das mais de trezentas localidades de arte rupestre existentes em território português. Em muitos dos casos, são apenas poucas linhas, publicadas em revistas locais, fruto de visitas passageiras, predominantemente descritivas e muitas vezes pouco mais nos dizem que o nome e a localização da estação.

Fazer um inventário da arte rupestre Portuguesa é não só necessário como urgente. Em muitos casos, principalmente quando se trata de rochas com *covinhas* ou *cruzes*, corre-se o perigo de a qualquer momento as ver destruídas. Pensamos que a situação é muito grave e que se nada for feito perderemos, irremediavelmente, nos próximos anos um número considerável de sítios de arte rupestre. Existe, porém, ainda outro aspecto muito importante. Resta-nos pouco tempo para documentar e recolher informações sobre as lendas, as histórias, as tradições e as crenças que em muitos casos estão associados à arte rupestre. A imigração, a fuga para as cidades, a televisão, a pressão política e até, a natural sucessão de gerações, vai inevitavelmente trazer uma mudança radical na cultura tradicional portuguesa.

O Inventário deverá servir de base a toda uma série de estudos e pesquisas que deverão ser levados a cabo por outros investigadores. Tais trabalhos podem ser, por exemplo, de tipo geográfico, cronológico, temático ou iconográfico (etc.). Gravado no Tempo tenta ser também um projecto *interdisciplinar* onde dentro do possível se elaborarão outros estudos de carácter etnológico, antropológico, geológico etc.

Durante a recolha de informações, qualquer tipo de avaliação cronológica, qualitativa ou quantitativa será evitado. Todas as localidade de arte rupestre do país serão examinadas de igual forma, da mais simples covinha à rocha pluri-gravada.

As informações recolhidas servirão para a criação do GTP/DB (**Gravado no Tempo Database**). Estamos conscientes que muito dificilmente todos os dados recolhidos serão publicados. Felizmente as novas tecnologias, principalmente no campo da informática, vão nos permitir num curto espaço de tempo, tornar acessível todo o material elaborado. As fichas do inventário (no início em diskette e em brevemente em CD/Rom) poderão ser distribuídas não só a todos os especialistas interessados mas também a Universidades, Bibliotecas, Museus, Câmaras etc.

A realização do **Projecto “Gravado no Tempo”** articula-se em três partes distintas. Cada uma está dividida em diversas fases. As diferentes etapas podem ser simultâneas e poderão incluir campos de actuação quer complementares quer totalmente separados. É importante salientar que o nosso Projecto tenta ser do ponto de vista financeiro autónomo mas pressupõe a colaboração de diversos organismos públicos, subordinando-se sempre às autoridades competentes.

## **PROGRAMA DO PROJECTO GRAVADO NO TEMPO**

### **Iª Parte: Bibliografia**

#### **A. Pesquisa bibliográfica**

1. Levantamento e recolha de todas as indicações disponíveis em publicações portuguesas e estrangeiras.
2. Leitura do material encontrado.
3. Compilação de uma ficha bibliográfica computadorizada.

#### **B. Lista Bibliográfica**

1. Por autor.
2. Por título.
3. Por ano.
4. Por palavras-chave.

5. Por zona geográfica.
6. Bibliografia Comentada.

### **C. Biblioteca**

1. Criação de uma biblioteca especializada em Arte Rupestre. Com arquivo de imagens.
2. Procura de originais ou fotocópias de todos os textos e documentos interessantes.

## **IIª Parte: Inventário da Arte Rupestre Portuguesa.**

### **A. O Pré-inventário**

1. Compilação da ficha de trabalho. Esta tarefa tem como base as informações recolhidas durante a parte I - A e B.
2. Numeração provisória, divisão geográfica e criação de zonas de intervenção.

### **B. O Trabalho de campo**

1. Localização das zona/s, rocha/s, abrigo/s.
2. Verificação da ficha de trabalho.
3. Compilação da ficha de campo.
- 4/5. Fotografia, Decalque/Desenho, Video.
6. Molde (quando necessário).
7. Diário de campo. Informações úteis.

### **C. O Inventário**

1. A – Ficha definitiva. Todas as informações recolhidas na parte I e II servirão para a sua compilação.  
B – A ficha será numerada com dois tipos de códigos, um progressivo e outro geográfico. Seguida eventualmente de outros números (por exemplo inventários anteriores).  
C – Todas as fotografias, slides, desenhos e decalques da mesma zona serão numerados com tais números, de modo a constituírem uma unidade, embora se possam encontrar em lugares diversos.
4. Localização exacta nos mapas  
Em escala 1:25000. Mapas elaborados pelo satélite Landsat. (10 m).
5. Estudos monográficos.
6. Estudos temáticos.
7. Estudos cronológicos.

### **IIIª Parte: Divulgação**

#### **A. Apresentação**

1. Do GTP, tendo como objectivo a formação da equipe.
2. Para dar a conhecer ao grande público o Projecto GTP.  
Através de palestras, conferências, visitas etc.
3. Publicação de artigos divulgativos.
4. Participação em Congressos, simpósios /encontros.
5. Elaboração de itinerários.
6. Visitas Guiadas.
7. Organizar e promover de seminários, debates, conferências e encontros entre especialistas, estudantes e interessados.

#### **B. Publicação**

1. Do Inventário (escrito/diskette/CD).
2. De eventuais estudos e trabalhos.
3. De folhetos explicativos ou pequenas guias.
4. Series de postais/slides/autocolantes.
5. Material didáctico.
6. Video/s.

#### **C. Exposição**

1. Exposição itinerante sobre o GTP e a Arte Rupestre Portuguesa (em várias línguas).
2. Catálogo.
3. Outro tipo de material explicativo.

## **GRAVADO NO TEMPO 1991-1993**

### **Iª Parte: Bibliografia**

#### **A. Pesquisa Bibliográfica**

Até ao momento foram recolhidas 130 referências bibliográficas. Tomámos em consideração só os seguintes tipos de textos: as referências publicadas em livros de carácter geral, os livros e pequenas monografias, os artigos de revistas e periódicos, excluindo por enquanto portanto, os artigos de jornais ou semanários. Na maioria dos casos trata-se de pequenos artigos, de uma ou duas páginas. Poucos são de facto os livros que até agora foram publicados sobre a arte rupestre portuguesa. Honrosa excepção é *A Rocha F-155 e a Origem da Arte do Vale do*

*Tejo*, de António Martinho Baptista, publicado pelo GEAP (BAPTISTA, 1981a).

Uma análise cronológica da bibliografia demonstra que nos últimos anos o interesse dos estudiosos tem-se traduzido num aumento de produção de publicações. Assim, excluindo os textos dos séculos passados, e concentrando-nos no século XX verificamos que nos primeiros 50 anos foram publicados 28 artigos sobre as pinturas e gravuras portuguesas. Entre eles não podemos deixar de citar os estudos de Henri Breuil (BREUIL, 1916-17) e a obra colossal do Abade Baçal (ALVES, 1934-38) Nessa primeira metade do século foi também publicado por J.R.Santos Jr. o primeiro verdadeiro inventário da Arte Rupestre Portuguesa (SANTOS, 1942). As obras que viram luz de 1950 a 1970 foram apenas 20. Destacam-se entre elas os artigos de Manuel Farinha dos Santos e colegas sobre a descoberta da *Gruta do Escoural*. (SANTOS, 1964; GLORY et al., 1966). Na década seguinte, de 1970 a 1980, os textos publicados foram já 28. É à descoberta do Complexo de *Arte Rupestre do Vale do Tejo* que são dedicados quase todos esses artigos (10). A arte do Tejo provocou, uma onda de interesse que se reflectirá nos estudos de arte rupestre dos anos seguintes. Entre 1980 a 1990 foram editados pelo menos 50 novos títulos. Alguns membros do grupo do Tejo, entre os quais salientamos António Martinho Baptista, Jorge Pinho Monteiro e Mário Varela Gomes interessaram-se também por outras áreas do País e publicaram zonas como *Gião*, (BAPTISTA, 1981b) *Bouça do Colado* (BAPTISTA, 1981c) *Vale de Casas*, (BAPTISTA, 1983) *Alagoa* (MONTEIRO & GOMES, 1977). Desta última década são também de assinalar os artigos de Susana e Vitor Oliveira Jorge sobre a descoberta das gravuras do *Mazouco* (JORGE et al. 1981) e de Fraga d'Aia (JORGE, 1988). Este último investigador publicou excelentes sínteses sobre o estudo e os conhecimentos da Arte Rupestre em Portugal (JORGE, 1983 e 1986).

## B. Lista Bibliográfica

Ainda que todo o material recolhido já tenha sido transformado em ficha de computador (com a possibilidade de facilmente se criarem listas por nomes, anos etc.), não foi ainda possível concluir a primeira fase da *Bibliografia Comentada da Arte Rupestre Portuguesa*. Só será possível elaborar listas por *palavras chaves* ou por *áreas geográficas* quando tal trabalho for concluído.

## IIª Parte: Inventário

### A. O pré-Inventário

Durante esta fase do projecto Gravado no Tempo (GTP) concentramos os nossos esforços principalmente no que foi escrito por Francisco Manuel Alves (o Abade de Baçal) e por J.R. dos Santos Jr. sobre o Distrito de Bragança.

Baseando-nos no *Tomo IX* e no *Suplemento* publicado no *Tomo X* das *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança*<sup>1</sup> elaborámos uma lista a que chamamos — Inventário Abade Baçal (IAB).

Numerámos as localidades descritas pelo Abade Baçal seguindo a ordem publicada, ou seja, alfabeticamente e em dois momentos cronológicos diferentes. As primeiras 91 localidades foram publicadas no *Tomo IX* e as seguintes — da 92 à 101 — no *Tomo X*.

Continuamos a nossa pesquisa comparando o *Inventário Abade Baçal* com a lista que Joaquim Rodrigues dos Santos Jr. elaborou em 1940 (SANTOS, 1942). Santos Júnior não visitou, na maioria dos casos, as localidades referidas por Baçal e limitando-se a citá-las por nome, sem as verdadeiramente descrever. Torna-se por vezes muito difícil conjugar as referências de um autor, com as do outro. Vale a pena lembrar que, como o próprio Santos Jr. afirma, não tomou em consideração as rochas só com covinhas ou com apenas com um sinal gravado<sup>2</sup>. Das 109 localidades de arte rupestre citadas em *Arte Rupestre*, 80 tinham já sido descritas em 1934 por Baçal (ALVES, 1934). Note-se ainda que, embora, conhecesse como ninguém o seu território, Francisco Manuel Alves escreve por vezes por *ter ouvido dizer*. Em diversas passagens dos seus livros, o próprio Abade, diz por outro lado que anos mais tarde voltando a determinadas localidades já não encontrou as rochas que anteriormente tinha visto.

Para efeito do Inventário GTP são atribuídos a cada sítio dois números — um por ordem progressiva e o outro por ordem geográfica. Em homenagem a Francisco Manuel Alves decidimos dar o número 001 (quer da ordem progressiva geral quer da ordem geográfica da zona de Bragança) à rocha com *covinhas* de Ponte do Pácio, localizada em frente da casa do Abade, em Baçal — classificada a partir de agora como n.001/001/IAB007<sup>3</sup> (ABREU & JAFFE, 1993b no prelo).

## B. O Trabalho de campo

O trabalho de prospecção concentrou-se em 1992 e 1993, no território do Parque Natural de Montesinho, no Distrito de Bragança, em Trás-os-Montes.

Em 1992 trabalhamos nas seguintes áreas:

Zona 1. Baçal. *Fonte do Pácio* GTP n.001/001/IAB007.

Zona 2. Espinhosela. *Fraga da Ramada* GTP n.002/002/019.

---

<sup>1</sup> Ambos os volumes estão datados de 1934 mas efectivamente viram a luz em 1938. Usamos a 2ª Edição publicada pelo Museu Abade Baçal Bragança em 1979. É de notar que o texto das páginas 579-666 do *Tomo IX* foi também publicado no Porto em 1934 sob o título *Insculturas e arte rupestre. Novos elementos para sua interpretação*, — 2ª Edição Museu Abade Baçal Bragança, 1977).

<sup>2</sup> SANTOS Júnior, 1942 p. 355.

<sup>3</sup> IAB007 — Trata-se da sétima localidade publicada pelo Abade Baçal. (ALVES, 1977 p. 35).

Zona 3. Vale de Lamas IAB083.

Zona 4 Montesinho.

No caso das zona 1 e 2 as rochas descritas foram localizadas identificadas e feito o respectivo relatório (ABREU & JAFFE, 1993a). No caso da rocha da zona 3 constatou-se que se tratava de sinais naturais e não foi portanto inserida no Inventário GTP. Por fim, a zona n. 4, aldeia de Montesinho, Freguesia de França reservou-nos algumas surpresas. Das quatro rochas descritas por Baçal<sup>4</sup> *Fraga Medideira*, (IAB043) *Castro Curisco* (IAB044), *Fraga Bulideira* (IAB045) e *Barreiras Brancas* (IAB097) conseguimos localizar com algumas dificuldades duas. (ABREU & JAFFE, 1993b). Durante a propeção na zona de Castro Curisco localizamos uma nova zona de gravuras. Até ao momento identificamos em duas áreas a que chamamos Castro Curisco I e II 19 rochas gravadas. Todas, à excepção de uma, a Rocha 4 (a Fraga da Porca) tem exclusivamente covinhas. Trata-se na maioria dos casos de alinhamentos de covinhas que por vezes, como nas rochas 1 e 2, cruzam-se formando uma figura semelhante ao 5 dos dados. As primeiras 6 rochas que já foram levantadas e estudadas apresentam 181 covinhas (ABREU & JAFFE, 1993c no prelo). Pensamos que o numero total de figuras presentes na zona se aproxime do meio milhar.

### C. Inventário

001/001/IAB007 - Baçal, Fonte do Pácio, rocha com covinhas.

002/002/IAB019 - Espinhosela, Fraga da Ramada, rocha com covinhas e canais.

003/003/IAB043 - Montesinho, Fraga Medideira, rocha com cruces.

004/004/IAB044/r.4 - Montesinho, Castro Curisco, Fraga da Porca, 103 cruces algumas com mais de um braço (Est. I Fig.1).

005/005/ - Montesinho, Castro Curisco I e II, Grupo de 19 rochas com covinhas (Est.I fig.2 e Est. II fig.3).

### 1. A Ficha de Campo

A ficha que até agora utilizamos no campo baseia-se essencialmente naquela que é usada na zona dos Alpes Ocidentais (elaborada por pesquisadores italianos, franceses e suíços na sua última versão, SEGLIA,1990). Tal modelo foi no entanto por nós revisto, ampliado e adaptado à situação portuguesa.

---

<sup>4</sup> ALVES, 1934 a 2ª Edição 1977 p. 63 e ALVES, 1934b 2ª Edição 1979 Tomo X p. 827.

## FICHA DE CAMPO - GRAVADO NO TEMPO

### 1. NÚMERO:

de Inventário:                      da zona geográfica:                      Outro:                      Área:

### 2. NOME:

Outros nomes porque é conhecida/publicada:

### 3. LOCALIZAÇÃO:

Distrito:

Região:

Município:

Freguesia:

Localidade:

Coordenadas:

Quota:

Itinerário de acesso:

### 4. AMBIENTE ACTUAL:

a) bosque  campo cultivado  inculto  estéril

b) perto de: curso de água  nascente ou fonte

via de comunicação  cruzamento  divisões de território

lugar de culto  zona habitados  Outro:

c) fundo vale  encosta/vertente planalto  cume  terraço

posição dominante  planície  etc:

### 5. GEOMORFOLOGIA:

a) rocha isolada  grupo de rochas  abrigo/gruta  etc.:

fraga  afloramento/rocha parcialmente enterrada

penedo  parede  outro:

b) Tipo de rocha:                      cor:

Idade geológica:

c) Microflora  Tipo: Patina  cor:

### 6. ARTE RUPESTRE

6.1 Gravura/s  pintura/s  outro

6.2 Técnica: A - gravura/s; B - pintura/s

a) picotada/s  riscada/s, grafiada/s linear/es  polissoir  outra:

b) monocromática/s  policromática/s  cor/es:

6.3 Aspecto da superfície:

a) lisa  acidentada  com fracturas  artificialmente preparada

b) plana  convessa  concava  outra/s:

## 6.4 Dimensões:

a) rocha/abrigo:

b) área gravada/pintada:

c) figuras concentradas  dispersas  zonas/páineis 

## 6.5 Estado de conservação da rocha:

## 6.6 Descrição geral da superfície:

## 6.7 Sujestões/Recomendações:

## 7. FIGURAS

## 7.1 N. total das figuras - exacto: aproximado:

Nº figura	Dimensões C/L/P	Descrição da figura	Técnica/s da figura	Cronologia da figura

8. CONTEXTO ARQUEOLÓGICO 

Cronologia:

9. TRADIÇÕES. Lendas, tradições e cultos ligados à superfície  :

Observações:

## 10. BIBLIOGRAFIA:

## 11. DOCUMENTAÇÃO

Fotografia  rolo/s n. fotografias n°Desenho  levantamento/decaque  video  esboço 
Mapa/s  escala/s:

## 12. OBSERVAÇÕES

Data da compilação: ...../...../..... Nome do compilador: .....

## 2. A Ficha definitiva

Contamos apenas possível (depois de termos reunido suficiente material) definir a ficha do **Inventário Gravado no Tempo**. Até agora toda as informações recolhidas no campo tem sido arquivadas no computador de maneira provisória. Usamos o Programa FoxBASE +/Mac. possuindo um bom *Memofield* permite transformar a ficha de campo numa boa uma ficha com texto e imagens. No futuro existe como já dissemos o desejo de arquivar tudo em CD-ROM. Acreditamos que as novas tecnologias nos vão ajudar na distribuição e disseminação das informações recolhidas.

## CONCLUSÕES

Nos próximos anos esperamos poder oferecer a todos os interessados o primeiro inventário informatizado da Arte Rupestre Portuguesa. Queremos através Projecto de Inventário Gravado no Tempo construir a base para a verdadeira pesquisa do futuro. Temos sempre em mente as novas fronteiras que por exemplo a datação directa nos vão dar no futuro. Tentamos documentar o melhor possível todas as estações portuguesas mas somos contrários a que em nome de melhores desenhos, decalques ou estudos se utilizem métodos agressivos como por exemplo o bicromático. O progresso da técnica não tem limites como investigadores do passado temos a obrigação de pensar no futuro. O inventário Total das gravuras e pinturas rupestres será o primeiro passo para o estudo da Arte Rupestre Portuguesa no Século XXI.

## AGRADECIMENTOS

Gostaríamos de aproveitar esta ocasião para lembrar todos os que nos tem ajudado. Agradecemos em especial, ao Arq. Carlos Guerra, Coordenador do Parque Natural de Montesinho e aos mais de 80 voluntários que ao nosso lado trabalharam no Projecto Gravado no Tempo.

## BIBLIOGRAFIA

- ABREU, Mila Simões de, 1992, Gravado no Tempo: Portugal. *Brigantia*, Janeiro-Março XII, 1:255-258.1965. Bragança.
- ABREU, Mila Simões de & Ludwig JAFFE, 1993a, Projecto de Inventário total da Arte Rupestre Portuguesa - Parque Natural de Montesinho - 1ª Campanha 1992, *AR-Arte Rupestre*, 1(S.3), Outubro, Oeiras.
- ABREU, Mila Simões de & Ludwig JAFFE. 1993b, Notas sobre o Inventário da Arte Rupestre Transmontana feito pelo Abade de Baçal (no prelo).

- ABREU, Mila Simoes de & Ludwig JAFFE. 1993c Relatório Preliminar sobre uma nova Zona de Arte rupestre no Parque Nacional de Montesinho, *Brigantia* (no prelo).
- ALVES, Francisco Manuel. 1934a (2ª Edição 1977). *Insculturas e arte rupestre: novos elementos para a sua interpretação*. Museu Abade Baçal, Bragança.
- ALVES, Francisco Manuel. 1934b. (1938 - 2ª Edição 1978) *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança*, Tomo IX e X. Porto.
- BREUIL, Henri, 1916-17. La roche peinte de Val de Junco, à la Esperança, prés Arronches. *Terra Portuguesa* 2 (13-14): 17-27. Lisboa.
- BAPTISTA, António Martinho. 1981a. *A Rocha F-155 e a Origem da Arte do Vale do Tejo*, GEAP, Porto.
- BAPTISTA, António Martinho. 1981b. A Arte do Gião. *Arqueologia* 3: 56-66. Porto.
- BAPTISTA, António Martinho. 1981c. O complexo de Gravuras rupestres da Bouça do Colado (Parada-Lindoso) Notícia preliminar. *Giesta* 1 (4): 6-13. Braga.
- BAPTISTA, António Martinho. 1983. O Complexo de Gravuras Rupestres do Vale da Casa (Vila Nova de Foz Coa), *Arqueologia* 8: 57-69. Porto.
- GOMES, Mário Varela. 1985. Abrigo Pinto Monteiro. *Informação Arqueológica* 1982 5: 90-91. Lisboa.
- GOMES, Rosa, Mário Varela GOMES & Manuel Farinha dos SANTOS. 1983. O Santuário Exterior do Escoural sector NE (Montemor-o-Novo). *Zephyrus* 36: 287-307. Salamanca.
- GLORY, André, Manuel Farinha dos SANTOS & Maxime VALTIER, 1966. La Grotte Omée d'Escoural. *Bulletin de la Societé Préhistorique Française* 62 (1): 110-117. Paris.
- JORGE, Susana Oliveira, Vítor O. JORGE, Carlos alberto F. de ALMEIDA, M. de Jesus SANCHES & M. Teresa SOEIRO. 1981. Gravuras rupestres de Mazouco (Freixo de Espada à Cinta). *Arqueologia* 3: 3-12. Porto.
- JORGE, Vítor Oliveira. 1983. Gravuras Portuguesas. *Zephyrus* 36: 53-61, Salamanca.
- JORGE, Vítor Oliveira. 1986. Arte Rupestre em Portugal. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia* 26 (1-4): 27-50. Porto.
- JORGE, Vítor Oliveira *et alii*. 1988. O Abrigo com pinturas rupestres da Fraga D'Aia (Paredes da Beira - S. João da Pesqueira). Notícia preliminar. *Arqueologia* 18: 109-130. Porto.
- MONTEIRO, Jorge Pinho & Mário Varela GOMES. 1977. As Rochas decoradas da Alagoa, Tondela-Viseu. *O Arqueólogo Português* s. III 7/9: 145-164. Lisboa.
- SANTOS JR. Joaquim Rodrigues dos. 1942. Arte Rupestre. *Congresso do Mundo Português Pré e Proto-História de Portugal* 1:327-376. Lisboa.
- SANTOS, Manuel Farinha dos. 1964. Vestígios de Pinturas rupestres descobertos na Gruta do Escoural. *O Arqueólogo Português*. II 5: 5-49. Lisboa.
- SANTOS, Manuel Farinha dos, 1981, Descobertas de arte rupestre na Gruta do Escoural (Évora- Portugal). *Altamira Symposium*: 205-243. Madrid
- SEGLIA, Dario, Piero RICCHIARDI, Tommy GUIOT & Mauro CINQUETTI. 1990. Scheda d'Inventario e Tipologia - Commissione Internazionale Arte Rupestre Alpi Occidentali (CIARAO), *Survey* 4:6 3-42. Pinerolo.
- SERRÃO, Eduardo da Cunha, Sande LEMOS, J. Pinho MONTEIRO, M. Angeles QUEROL, S. Rodrigues LOPES e V. Oliveira JORGE. 1972. O Complexo de Arte rupestre do Tejo (Vila Nova de Rodão - Nisa). Notícia preliminar. *Arqueologia e História* s. 9ªs 4: 349-397. Lisboa.

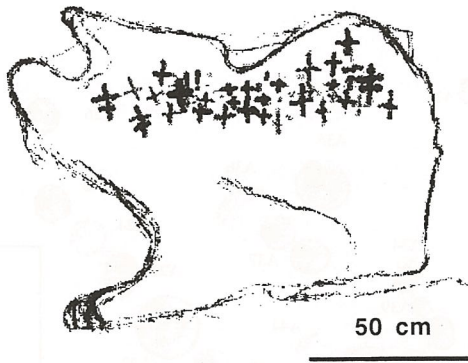


Fig. 1 — Montesinho, Castro Curisco, Fraga da Porca, Rocha n. 4.  
Trata-se possivelmente da Rocha Medideira publicada por Baçal em 1934.

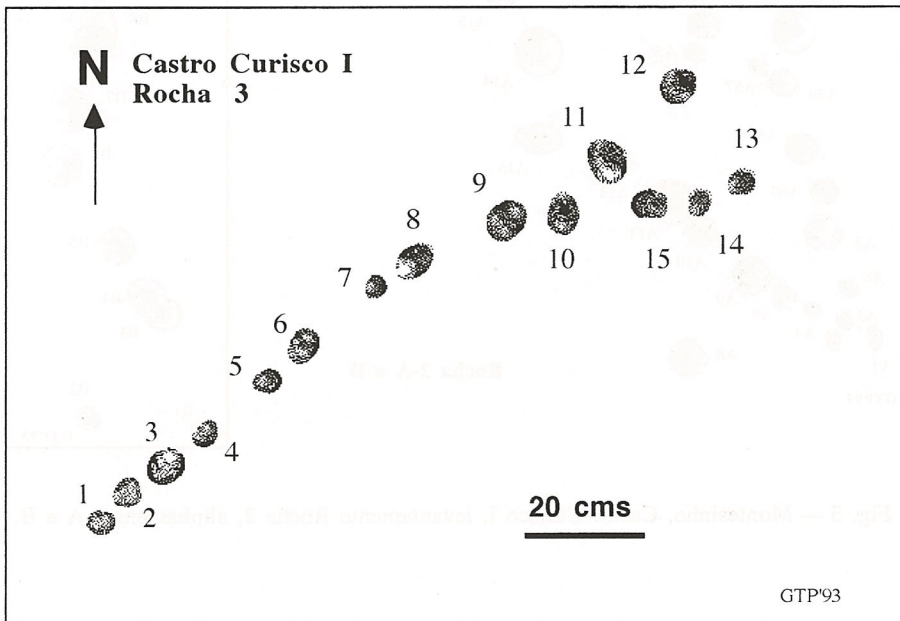


Fig. 2 — Castro Curisco I, levantamento Rocha n. 3.

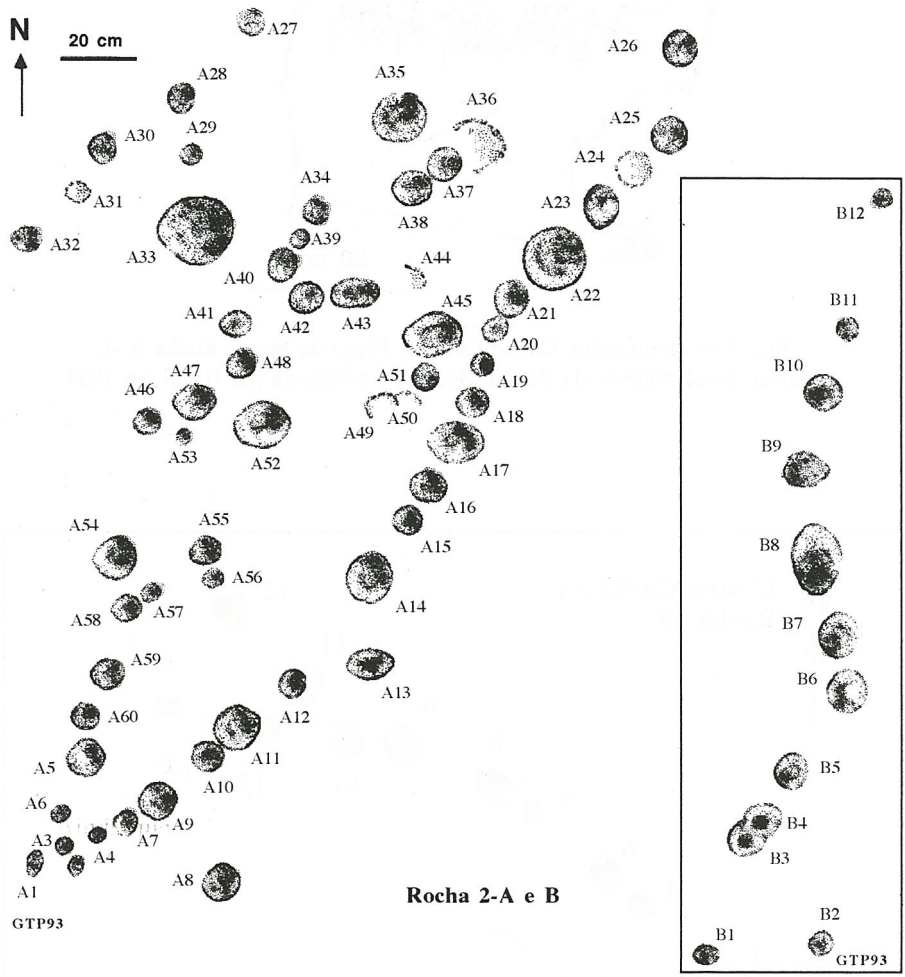


Fig. 3 — Montesinho, Castro Curisco I, levantamento Rocha 2, alinhamentos A e B.

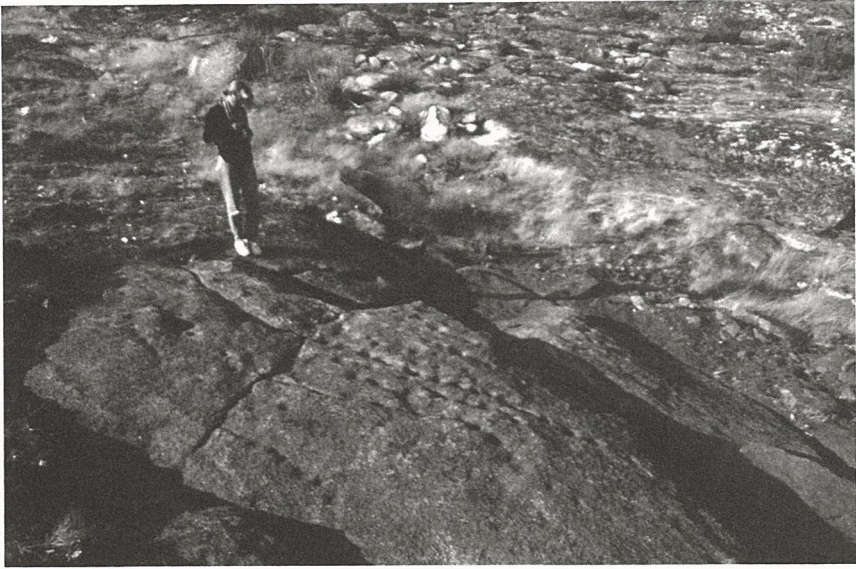


Foto 1 — Castro Curisco (1992). Foto L. Jaffe.

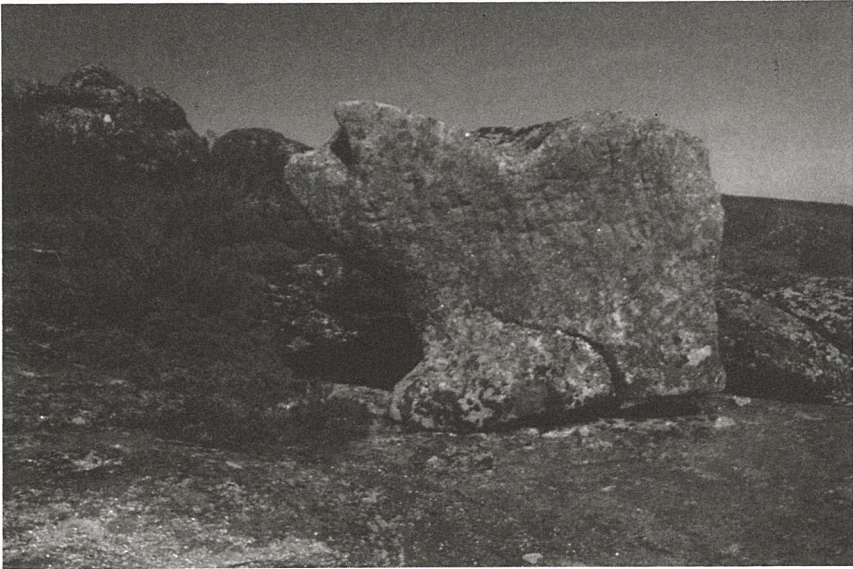


Foto 2 — Castro Curisco (1992). Foto L. Jaffe.